

## O CELEIRO

Sharroll Deall McCalln

No inverno, meu local favorito era o celeiro na hora do crepúsculo. Não o nosso celeiro, mas o do tio Ernie. O tio Ernie, a tia Audie e o cão collie, Mutty, eram nossos vizinhos, e tomavam conta de mim. Mutty e eu passamos nossos primeiros sete anos de vida juntos.

Sempre sabia quando era a hora de ir para o celeiro, pois Mutty vinha me procurar e, com seu focinho, me fazia abandonar o que eu estivesse fazendo. Depois de me empurrar e puxar para a porta, ela esperava pacientemente enquanto eu batalhava para pôr as perneiras, as botas, o casaco o chapéu e as luvas.

O celeiro não ficava distante da casa, mas entre essas duas construções havia uma cerca, uma enorme porteira e um portão para cães. Sempre passávamos debaixo do portão para cães e ficávamos juntas até chegarmos à porta do celeiro. Mutty, a seguir, corria e passava pela porteira que dava para o curral e se movia suavemente entre os animais, utilizando todos seus sentidos para tocá-los para dentro.

Enquanto ela fazia isso, eu corria para uma porta lateral, que dava para a parte principal do celeiro, e escalava o monte de feno. Tio Ernie dizia que os animais entravam na área coberta mais rapidamente se ninguém estivesse no caminho deles. Não me importava de ficar escondida, pois amava deitar-me no feno empoeirado para olhar, escutar, tocar e sentir os cheiros característicos desse lugar.

Meu celeiro não era um local para tirar o leite cheio de apetrechos e bem cuidado. Não era lavado com esfregão, nem era um lugar muito limpo. Não era um celeiro vermelho adequado, com montes de feno tão altos que só pudessem ser tocados com forcados e esteiras. A telhado do celeiro, bem no centro, comportava apenas uma parelha de cavalos e uma carroça carregada de feno. Os lados eram inclinados e bem baixos, apenas um pouco mais altos do que o tio Ernie. Em um dos lados havia um estábulo para os cavalos, Lady e Tony, e quatro pilares para as vacas, Bess, Elsie, Maye June e outro lado inclinado era destinado às ovelhas.

Eu sabia que todos os animais já estavam no celeiro quando o mastigar ruidoso tinha início. A mastigar, as baforadas e as bufadas. Eles bufavam muito. Tio Ernie dizia que não podíamos dizer que esse barulho era um mugido ou um relincho, pois eram suaves e relaxados.

Quando o tinir das correntes indicava que as vacas já estavam presas aos pilares, Mutty vinha até o monte de feno me buscar. O celeiro exalava a mistura do ar frio da noite com os corpos quentes. Tio Ernie sentava-se em seu banquinho, encorajando seu quarteto de vacas Jerseys, bem avantajadas, a dar-lhe a parte gorda de leite puro. Enquanto ele tirava o leite das vacas, eu tinha de fazer minhas tarefas.

Eu corria para os baldes que ele preparava para eu alimentar os animais. Nunca cuidei muito do cocho, ou como tio Ernie dizia, da manjedoura dos bovinos, pois não gostava da cara das vacas.

Além disso, elas já estavam mastigando e lambendo e ruminando.

a retinir das correntes presas aos pilares e o gorgolejar da água, engolidas em um só fôlego, faziam parte dos sons do celeiro. Esvaziava, rápida e silenciosamente, os baldes na manjedoura destinados às ovelhas. Elas eram tão silenciosas e eu achava que também deveria me manter calada. A manjedoura era longa e estreita, abarrotada de corpos felpudos. As ovelhas calmamente abriam caminho com cutucadas leves e mastigavam serenamente o que eu colocava diante delas.

Apressava-me com as latas de leite para servir os gatos e Mutty, para poder passar bastante tempo com os cavalos. Eu gostava muito deles. Segurava o balde com aveia, destinado a eles, subia na manjedoura em frente da Lady e do Tony. Depois de despejar a aveia de um dos lados, pegava mais feno e colocava contra o focinho dos cavalos queridos. Eles mastigavam e bufavam, e eu sentia prazer de me sentar na manjedoura - parecia que nem se importavam com isso - e afagar a testa deles.

Quando todas as manjedouras estavam vazias, lambidas pelas línguas ávidas até ficarem limpas, e o tio Ernie já tinha acabado de tirar o leite das vacas, as luzes eram apagadas, e estávamos prontos para voltar para casa. Tio Ernie e eu ficávamos parados no silêncio escuro e saboreávamos o momento. Esse era um momento extremamente agradável, cheio de sons, cenas e aromas.

Cresci e abandonei o celeiro. Fazia anos que não via uma manjedoura, quando a enfermeira colocou meu primeiro filho em meus braços. Ele estava enrolado em um pedaço de pano grande, que o prendia como se fosse um indiozinho, e havia apenas uma pequena abertura para seu rosto. Disseram-me que não o desenrolasse. As regras dos hospitais das cidades grandes diziam que isso não era algo seguro, ou asseado, para o bebê.

Não era asseado? Esse pensamento desencadeou minhas lembranças. Lembrei-me de uma moça, Maria, que teve seu primeiro (ilho em uma manjedoura. Lembrei-me das manjedouras no celeiro do tio Ernie. Não era branco, nem esterilizado. Se alguma vez foram limpos, foi com o esfregar das línguas -longas, grossas e ásperas - de Tony, Lady, Bess, Elsie, Maye June. Com certeza, a manjedoura que Maria teve de utilizar era ainda mais rudimentar do que as de minhas lembranças.

Não era seguro? Deus veio ao mundo e quando nasceu não ganhou um berço azul em um berçário fechado com vidros, longe de qualquer toque ou cheiro de sua mãe. Ele tinha palha em uma manjedoura, que fora limpa com a língua de animais. Jesus, que veio para ser o Salvador do mundo, nasceu em um celeiro, em meio aos corpos quentes de animais, cheio de ruídos: o mastigar, as baforadas e as bufadas.

Esperei até a enfermeira sair. Depois, desenrolei meu primogênito. Contei os dedos das mãos e dos pés. Segurei-o bem próximo ao meu corpo e agradei Àquele que há muito tempo, séculos atrás, dormiu em uma manjedoura, em um local que ainda é um dos meus favoritos: um celeiro no inverno.